

Rui Ramos (coord.)
Bernardo Vasconcelos e Sousa
Nuno Gonçalo Monteiro

HISTÓRIA DE PORTUGAL

1.^a edição



ÍNDICE

Prólogo	I
Agradecimentos	V
Introdução – Territórios e populações, identidades e memórias	VII

I PARTE – IDADE MÉDIA (SÉCULOS XI-XV), por Bernardo Vasconcelos e Sousa

CAPÍTULO I

Do Condado Portucalense à monarquia portuguesa (séculos XI-XII)	17
A <i>Reconquista</i> no Ocidente peninsular	17
Os «franceses» na Península Ibérica	20
Afonso Henriques – de príncipe a rei	27
No Garb Al-Ándalus	39
Do primeiro rei à dinastia régia portuguesa	44

CAPÍTULO II

A monarquia entre a guerra civil e a consolidação (século XIII)	49
A escrita e a lei como armas do monarca	49
Reacções à concentração do poder pelo rei	53
Reconquista e ordens militares	54
Sancho II – de rei na menoridade a «rei inútil»	57
E, no entanto, o reino foi crescendo	61
Diversidades socio-regionais e composição do reino	64
O regime senhorial e as relações feudo-vassálicas	65
Os concelhos	71

CAPÍTULO III

População e sociedade (séculos XIII-XV).	79
A população e a sua distribuição pelo território	79
Actividades económicas e grupos sociais	85

CAPÍTULO IV

O Reino de Portugal (séculos XIII-XIV)	103
A realeza face ao reino	103
Um rei que veio de fora e chegou para ficar	107
D. Dinis e os poderes concorrentes (1279-1325)	113
Crise social e reformas políticas	119
O quadro peninsular – Afonso IV e as relações com Castela	123
Primeiro esboço de um projecto de expansão marítima	124
Inês, a dos Castro	125
A crise social faz o seu caminho	128
Cultura e arte, expressões de uma identidade em construção	131

CAPÍTULO V

A dinastia de Avis e a refundação do reino (1383-1438)	135
João I – bastardo, mestre, rei	136
Fernão Lopes	144
«Crise» ou «revolução»?	146
Refundado o reino, estabilizar a dinastia	148

CAPÍTULO VI

Regresso ao passado? (1438-1481)	153
Alfarrobeira	155
O governo de Afonso V face ao clero, à nobreza e aos concelhos	158
A cruzada falhada	162
A tentação ibérica	163
«Reacção senhorial» ou «progresso da modernidade»?	167

CAPÍTULO VII

O início da expansão ultramarina (século XV)	171
O mar como saída	172
Ceuta	174
A guerra em Marrocos – decisões pouco pacíficas	183
A exploração da costa africana	188
As ilhas atlânticas	192

II PARTE – IDADE MODERNA (SÉCULOS XV-XVIII), por Nuno Gonçalo Monteiro

CAPÍTULO I

A monarquia e as conquistas (1481-1557)	199
O <i>Príncipe Perfeito</i> e os seus cunhados (1481-1521)	199
As expansões portuguesas: configurações e conflitos	209
O Estado da Índia	218
D. João III (1521-1557)	222

CAPÍTULO II

O reino quinhentista	227
A municipalização do espaço político	228
A monarquia e as instituições religiosas	231
Inquisição, «pureza de sangue» e Catolicismo tridentino	236
As finanças e a sede da monarquia	239
População e grupos sociais	245
A arte da guerra	248

CAPÍTULO III

Um destino peninsular: Portugal e Castela (1557-1580)	251
A lógica das alianças peninsulares	251
D. Sebastião e Alcácer Quibir (1568-1578)	257
O cardeal-rei e Filipe II (1578-1580)	266

CAPÍTULO IV

Portugal na monarquia dos Habsburgo (1580-1640)	271
Negociação e conquista: o «Pacto de Tomar»	271
O reino de Portugal na monarquia compósita dos Habsburgo	277
A História global, a ofensiva holandesa e o Império Português	281
As conjunturas políticas: Olivares e a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)	286

CAPÍTULO V

A Restauração (1640-1668)	295
Os conjurados e a incerta Restauração	295
A guerra diplomática	302
Uma improvável vitória militar	308
A guerra no império	316
Os vencedores da guerra: a nova aristocracia da corte	322
A evolução política interna (1640-1668)	325

CAPÍTULO VI

A monarquia barroca (1668-1750)	331
A «façanhosa aristocracia» e a estabilização da dinastia (1668-1706)	331
A Guerra da Sucessão de Espanha e o reinado de D. João V (1706-1750)	343
O Brasil, o açúcar e o «ciclo do ouro e dos diamantes»	353

CAPÍTULO VII

O tempo de Pombal (1750-1777)	357
A consciência do atraso e o início de um reinado	357
O terramoto e a dinâmica política	362
O poder do valido e o tempo das providências	366
Portugal e a Guerra dos Sete Anos	371
A emergência do Governo e os limites do pombalismo	373

CAPÍTULO VIII

O Antigo Regime (século XVIII)	379
A população	379
A constituição fundiária do Antigo Regime.	386
Centro e periferias: a arquitectura dos poderes do Antigo Regime	392
A Coroa, a aristocracia de corte e as nobrezas	402

CAPÍTULO IX

A viragem do século (1777-1807)	409
Os mercados coloniais e as dinâmicas comerciais e industriais no fim do século XVIII	409
As finanças da monarquia.....	414
O governo dos «domínios»	418
A queda de Pombal, o reformismo e a conjuntura da guerra (1777-1807) .	425

III PARTE – IDADE CONTEMPORÂNEA (SÉCULOS XIX-XXI), por Rui Ramos

CAPÍTULO I

Invasões Francesas, Tutela Inglesa e Monarquia Brasileira (1807-1820)	439
A guerra	439
Um governo «inglês» e uma monarquia «brasileira».....	446
A revolução.....	453

CAPÍTULO II

Ruptura constitucional e guerra civil (1820-1834)	457
A ruptura constitucional	458
Os liberais	460
Os liberais perante o país	465
A separação do Brasil	470
O fim do «sistema político da Península»	472
A contra-revolução	475
Um compromisso falhado	478
A guerra civil.....	485

CAPÍTULO III

A Revolução Liberal (1834-1851)	491
Liberais e liberalismo.	491
Uma «revolução social»	493
Da «tirania de D. Pedro» à «monarquia republicana» (1834-1838).....	496
Da «ordem» ao «cabralismo» (1838-1846).....	502
O Estado liberal	507
Da última guerra civil à regeneração (1846-1852)	514

CAPÍTULO IV

A Regeneração e o Fontismo (1851-1890)	521
A ideia dos melhoramentos materiais (1851-1856)	521
Crescimento sem mudança estrutural	524
«Classe média» sem «povo»	528
O sistema político: classe dirigente, Estado e monarquia	530
A vida política: os favoritos dos reis (1856-1886)	535
A contracultura intelectual	542
Um novo liberalismo (1886-1890)	545

CAPÍTULO V

O fracasso do reformismo liberal (1890-1910)	549
A questão inglesa	550
A revolução que não aconteceu (1890)	552
«Vida nova» (1890-1900)	554
Equilíbrio europeu e império em África	561
A transformação do sistema de partidos (1900-1908)	565
O fiasco da «monarquia nova» (1908-1910)	572

CAPÍTULO VI

A República antes da guerra (1910-1916)	577
«Uma república feita por todos»	578
A república antes da república	580
«A república para os republicanos»	584
O domínio do PRP (1910-1916)	589
Continuidade socio-económica e guerra cultural	596
Resistências	599

CAPÍTULO VII

A República durante e depois da guerra (1917-1926)	605
A intervenção	605
A «república sem republicanos» (1917-1919)	608
Uma nova era	612
O fracasso do centrismo republicano (1919-1926)	615
Da «ditadura dos políticos» à «ditadura militar» (1926-1928)	621

CAPÍTULO VIII

Salazar e a «revolução nacional» (1926-1945)	627
A ascensão de Salazar (1926-1932)	627
A fórmula política do «Estado Novo»	631
Evoluções do equilíbrio político (1932-1939)	634
«Viver habitualmente»	639
O Estado corporativo	644
«A ditadura da inteligência»	646
A repressão e a persistência do pluralismo	650

O império colonial	658
A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)	661
CAPÍTULO IX	
O segundo salazarismo: A Guerra Fria, a industrialização e as guerras em	
África (1945-1974)	667
O Estado Novo no pós-guerra	667
A derrota das oposições (1945-1949)	670
A divisão dos salazaristas (1950-1961)	674
Colonização e guerra em África	679
Integração europeia, emigração e industrialização	685
Os últimos anos de Salazar (1961-1968)	691
O marcelismo (1968-1974)	696
CAPÍTULO X	
A revolução de 25 de Abril e o PREC (1974-1976)	705
Generais e capitães	706
O golpe	710
Spínola e o «segundo» MFA (Abril-Setembro de 1974)	713
A descolonização	718
O MFA	721
Os partidos políticos	723
Da democratização à revolução (Setembro de 1974-Março de 1975)	726
O PREC	729
A revolução democrática: as eleições de 25 de Abril de 1975	733
O grande confronto (Maio de 1975-Setembro de 1975)	734
O «beco sem saída»	739
O compromisso de Novembro (Setembro de 1975-Abril de 1976)	742
CAPÍTULO XI	
Uma democracia europeia (desde 1976)	747
A integração europeia	747
A consolidação democrática	752
A grande transformação	762
Uma nova cultura intelectual com alguns problemas de sempre	769
Uma nova época de reformas	773
ANEXOS	
Quadro e gráficos	780
Mapas	782
Chefes de Estado e Governantes	831
Cronologia seleccionada	839
Notas	867
Bibliografia seleccionada	953
Índice remissivo	961

PRÓLOGO

por
Rui Ramos

Este livro é uma proposta de síntese interpretativa da História de Portugal desde a Idade Média até aos nossos dias. Está construído como uma narrativa que combina a História política, económica, social e cultural, de modo a dar uma visão integrada de cada época e momento histórico, ao mesmo tempo que integra Portugal no contexto da História da Europa e do mundo.

Os autores escreveram este livro com dois objectivos. Em primeiro lugar, colocar ao dispor de todos os leitores, num texto seguido e compacto, que se quis o mais legível e claro possível, os resultados das pesquisas e reflexões das mais recentes gerações de historiadores. A historiografia sobre Portugal mudou muito nos últimos trinta anos, não só em quantidade, como em qualidade. Nunca tanta gente fez investigação em História. Mas esse saber multiplicado continua, em grande parte, disperso em revistas, livros, actas de congressos e de colóquios e dissertações – por vezes de circulação restrita e acesso difícil. As Histórias de Portugal publicadas na década de 1990 têm vários volumes e frequentemente vários autores por volume. Há algum tempo que já não há um esforço para sintetizar os conhecimentos adquiridos e as hipóteses admitidas pelo trabalho historiográfico. As sínteses hoje mais correntes foram originalmente pensadas e elaboradas antes da recente explosão da História: a de A. H. de Oliveira Marques teve a sua primeira versão em 1972 e a de José Hermano Saraiva foi publicada pela primeira vez em 1978. Era tempo de historiadores das novas

gerações, sem esquecerem o que devem aos seus antecessores, tentarem pôr a História, tal como é feita hoje, em contacto com o grande público. Essa foi sempre, aliás, a vocação da História. A fim de chegar a muitos leitores, não quisemos, porém, simplificar, mas tornar claro. Simplificar e esclarecer são duas operações completamente diferentes. Para fazer este livro, foi preciso reduzir, desbastar, seleccionar o material: mas fizemo-lo de modo a distinguir o que mais importa, sem de modo algum sacrificar complexidades que são fundamentais para a compreensão. O leitor que imaginámos para este livro é um leitor exigente.

Em segundo lugar, procurámos com esta visão de conjunto estimular o debate sobre os quadros interpretativos da nossa História. Nos últimos vinte anos, houve na historiografia uma tendência compreensível, depois dos grandes debates ideológicos do passado, para a concentração positivista no trabalho em pequena escala. As grandes teorias foram abandonadas. Tudo se fragmentou, tudo se tornou micro. Multiplicaram-se os trabalhos por localidade e entre datas muito próximas. As especializações historiográficas são hoje suficientemente grandes para haver por vezes mais comunicação dos historiadores com os especialistas das disciplinas não-históricas onde vão buscar metodologias e teses (economia, antropologia, direito, ciência política, etc.) do que com os seus colegas noutras regiões da História. Perdeu-se o sentido de conjunto ou passou a acreditar-se na possibilidade de chegar à História geral através da simples justaposição de pedaços e fracções. Mas o conhecimento histórico não é apenas uma colecção de monografias. A visão global é uma ocasião para pôr em relação dados e ideias dispersas, e pode servir de inspiração à investigação monográfica. Sem síntese, a análise corre o risco de se resumir à repetição, para cada caso, de uma mesma ideia geral nunca verdadeiramente exposta e discutida. Pensamos, assim, que este exercício pode também ter interesse para os especialistas.

Como é óbvio, não se pretende substituir as monografias, nem tentar apresentar esta síntese como a única maneira de ver a História. Quem queira conhecer a fundo a matéria aqui tratada terá de recorrer à literatura especializada e haverá certamente outras maneiras, igualmente válidas, de fazer um livro como este – esta é apenas a nossa proposta.

Na presente *História de Portugal*, seguiu-se a divisão consagrada em grandes períodos. A Idade Média foi tratada por Bernardo

Vasconcelos e Sousa, a Idade Moderna por Nuno Gonçalo Monteiro, e a Idade Contemporânea por Rui Ramos. Cada autor foi livre para elaborar o seu texto dentro de parâmetros previamente combinados. A harmonização não foi difícil. Da mesma geração ou de gerações próximas, com uma formação marcada por referências comuns (a «escola dos *Annales*» e a descoberta da historiografia anglo-saxónica), os três autores conhecem-se há muitos anos, colaboraram na fundação da revista *Penélope* (1987-2007), e participaram em alguns dos grandes empreendimentos colectivos da historiografia universitária, como a *História de Portugal* dirigida por José Mattoso (1994) ou a série de biografias dos reis de Portugal (2006). Há entre eles uma unidade geracional e de formação, independentemente das diferenças sugeridas pelas especializações académicas e pontos de vista pessoais. Isto permitiu um entendimento sobre o que fazer: uma narrativa que combinasse a sequência de acontecimentos e a interpretação, recorrendo a condicionantes estruturais de vários tipos (geográficas, sociais, culturais). Mesmo assim, os capítulos são diferentes, e não apenas por causa dos autores. Da Idade Média para a Idade Contemporânea, não só sabemos mais, porque a informação disponível é mais abundante, mas também de certa maneira sabemos menos, porque há muito por estudar e mais polémicas. A quantidade de documentação não explorada faz com que o recurso ao detalhe significativo seja uma forma de compensar análises e ligações que faltam, o que pode dar ao texto um aspecto mais povoado, cheio de referências. Como é costume em obras semelhantes, o espaço foi alargado desde os tempos mais remotos para os mais recentes, de modo a tratar com maior pormenor acontecimentos, situações e processos que imediatamente tiveram impacto na vida dos leitores deste livro. Mas de modo nenhum procurámos dizer tudo sobre tudo – o que seria incompatível com a natureza da obra.

Esta é a História de uma unidade construída pelo poder político através dos séculos. Por isso, a narrativa teria de ser estribada pela História política, o que não significa que tivesse de ser uma simples crónica de actos dos titulares da soberania – tentámos que não fosse. O grande problema deste género de História é pressupor, como agente, uma entidade que é o produto e não a causa: a nação, a identidade nacional. Em Portugal, com as suas velhas fronteiras na Europa e a sua actual uniformidade linguística e antiga unanimidade religiosa, é fácil

presumir a existência de uma comunhão precoce e imaginá-la como a manifestação de uma vontade e uma maneira de ser homogêneas e pre-existentes à História. No entanto, como mostraram Orlando Ribeiro e José Mattoso, a dinâmica da vida nacional veio das diferenças, daquilo que essas diferenças representam de contrastante e de complementar. Isso tem implicações para a escrita da História. Num país como Portugal, com enormes variações regionais, é arriscado generalizar. A dimensão ultramarina da sua História também contribui para a tornar mais complexa. Por isso, a construção de identidades colectivas e o seu confronto com o pluralismo dos territórios, das comunidades e das opções políticas é um dos temas principais deste volume.

Esperamos que este livro possa interessar a todos aqueles que sabem que uma sociedade não é apenas o que existe, mas também tudo o que existiu (e existirá), e que portanto a amnésia não é mais vantajosa numa sociedade do que num indivíduo. Apesar das limitações do nosso trabalho, gostaríamos que esta *História de Portugal* despertasse a atenção para a importância da História como meio de dar profundidade à reflexão e ao debate público sobre o país, por vezes demasiado circunscrito por uma tecnocracia «presentista», para quem Portugal parece ter começado hoje. Porque a História não é só um acervo de conhecimentos, mas uma maneira de pensar.

O livro existe por sugestão da Esfera dos Livros. Ao longo de uma elaboração que teve de ser conciliada com carreiras muito ocupadas, os editores mostraram o empenho e a paciência dos editores ideais. Os autores também ficaram em dívida para com as instituições universitárias em que trabalham – o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mas, acima de tudo, têm de agradecer às suas respectivas famílias a tolerância com que seguiram este esforço e aceitaram ausências e indisponibilidades durante um tempo demasiado longo. Vários colegas deram-nos o privilégio de ler e comentar os textos e vão nomeados nos agradecimentos. Os erros e lapsos que, apesar da sua ajuda, se encontrarem neste texto são unicamente da nossa responsabilidade.

Os três autores dedicam esta obra ao professor José Mattoso, referência maior da sua formação e da sua carreira académica, e à memória de Luís Krus, grande historiador e amigo comum.